

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Anna Elly Prochnow Pinto¹

Jennifer Cristine Vilela²

Jéssica Cima³

Leonardo Alexandre Dias Cardoso⁴

Priscila Soares Vidal Festa⁵

RESUMO

Ao analisar os dados de leitura no Brasil, pode-se afirmar que a realidade é preocupante quando se trata do analfabetismo da população. Nesse contexto, a escola precisa afirmar a importância do processo da contação de histórias desde a Educação Infantil. O presente trabalho tem o objetivo de identificar os elementos presentes na contação de histórias como ferramenta na prática pedagógica exercida na Educação Infantil. A metodologia utilizada neste trabalho é de abordagem qualitativa e em relação aos objetivos foi definida como exploratória do tipo bibliográfica com pesquisa de campo. Para a coleta de dados foi utilizada a documentação direta por meio da aplicação de questionários estruturados. Como população desta pesquisa, definiu-se 12 professoras de Educação Infantil, a partir do seguinte critério de eleição: que atuassem em Educação Infantil no ano vigente da pesquisa. Na coleta de dados foram levantadas questões referentes à formação profissional e os elementos presentes na contação de histórias. Concluiu-se que a contação de histórias é uma ferramenta pedagógica muito significativa no crescimento da criança, pois ela permite que a criança possa adquirir habilidades essenciais para sua jornada de vida de acordo com o meio social em que está inserida,

¹ Aluna do Curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário. *E-mail*: anna.prochnow@mail.fae.edu

² Aluna do Curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário. *E-mail*: jennifer.vilela@mail.fae.edu

³ Aluna do Curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário. *E-mail*: jessica.cima@mail.fae.edu

⁴ Aluno do Curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário. *E-mail*: leonardo.dias@mail.fae.edu

⁵ Orientadora da Pesquisa. Mestra em Distúrbios da Comunicação pela Universidade Tuiuti do Paraná. Professora da FAE Centro Universitário – Disciplinas de Dificuldades de Aprendizagem e Intervenções Pedagógicas, Psicologia da Educação, Introdução a Libras e Educação Inclusiva. *E-mail*: priscila.festa@fae.edu

permitindo-se utilizar e aguçar os mais vários aspectos de sua imaginação. Logo, faz-se necessário que os professores da Educação Infantil e os estudantes de Pedagogia reflitam sobre o uso dessa ferramenta pedagógica como contribuição na prática docente.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Educação Infantil. Ferramenta Pedagógica.

INTRODUÇÃO

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9394 (BRASIL, 1996) e a redação dada pela Lei nº 12.796 (BRASIL, 2013), a Educação Infantil é considerada a primeira etapa da educação básica brasileira e tem como finalidade “o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, Art. 29).

Em relação à contação de histórias e sua relevância como parte da prática pedagógica na Educação Infantil, afirma-se que, de acordo com Beltrame, Cavalheiro e Sbeghen (2015), esta é uma ferramenta que permite o desenvolvimento da personalidade da criança, além de facilitar, introduz a criança na cultura em que vive.

Portanto, essa atividade pode ser caracterizada como uma importante estratégia pedagógica que é capaz de auxiliar na prática docente, pois a escuta da criança “de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil” (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 237).

Nesse sentido, a escola precisa afirmar a relevância dos processos de letramento desde a Educação Infantil, pois, de acordo com Saito (2011), o desenvolvimento do trabalho com a literatura infantil produz aprendizagens e vivências, que visam consolidar o desenvolvimento humano de modo mais emancipatório.

A realidade de leitura no Brasil traz dados significativos. De acordo com o Ministério da Educação (BRASIL, 2016) o desempenho da leitura no Brasil ficou abaixo da média no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) - *Programme for International Student Assessment*-, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O Brasil ficou com desempenho médio de leitura nas escolas estaduais (com 402 pontos) e das escolas municipais com desempenho médio de 325, valor consideravelmente menor que a média dos estudantes dos países membros da OCDE, que é 493 pontos (BRASIL, 2016).

Outro dado referente ao contexto de leitura no Brasil pode-se encontrar na pesquisa INAF – Indicador de Alfabetismo Funcional, realizada em 2018. Esse estudo busca medir os níveis de alfabetismo da população brasileira de 15 a 64 anos, foram entrevistadas 2.002 pessoas, residentes em zonas urbanas e rurais de todas as regiões do país. Segundo dados de 2018 do INAF, os analfabetos funcionais – que equivalem a cerca de 3 em cada 10 brasileiros, possuem muita dificuldade para a leitura, escrita e a realização de operações matemáticas (INAF, 2018).

Mediante este contexto, surge a seguinte problematização: Como a contação de histórias pode contribuir para o desenvolvimento infantil na perspectiva dos educadores? A hipótese que orienta o estudo é de que a contação de histórias na Educação Infantil ainda não é utilizada como ferramenta pedagógica pelos professores de forma efetiva.

Logo, o objetivo geral desta pesquisa é verificar de que forma a contação de histórias está presente na Educação Infantil como ferramenta de prática pedagógica.

Com o intuito de determinar quais os pontos mais relevantes a serem estudados sobre o tema, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: a) Abordar a leitura no contexto da Educação Infantil; b) Apresentar os aspectos relacionados à contação de histórias como ferramenta na prática pedagógica; c) Evidenciar os conceitos presentes sobre a contação de histórias na perspectiva dos professores que atuam na Educação Infantil.

A importância deste trabalho se reflete em buscar mais informações sobre como a contação de histórias influencia no meio pedagógico com o foco na Educação Infantil que é a base da Educação.

Nesse sentido, a relevância do trabalho pode ser considerada, pois é um conteúdo pouco explorado em sala de aula, evidenciado por vivências dos acadêmicos que atuam profissionalmente em sala de aula da Educação Infantil. Por meio dessas experiências, foi constatado que a contação de história como ferramenta pedagógica ainda não é amplamente utilizada pelos pedagogos e professores.

Esta pesquisa abordou sobre a criança e o mundo letrado, a educação infantil e a contação de histórias, os elementos na contação de histórias e os procedimentos metodológicos, tendo como principais autores Soares (1999), Ferreiro e Teberosky (1999), Mellon (2006), Coelho (2008) e Beltrame, Cavalheiro e Sbeghen (2015).

1 A CRIANÇA E O MUNDO LETRADO

Com o intuito de apresentar os aspectos relacionados à contação de histórias como ferramenta na prática pedagógica, nesta seção serão abordados os seguintes temas: definição de letramento e a função social da escrita.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998b), a aquisição da linguagem oral e escrita é importante para que as crianças ampliem as suas possibilidades de terem participação e serem inseridas nas diversas práticas sociais.

A educação infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças (BRASIL, 1998b, p. 117).

Na Educação Infantil, a criança tem a possibilidade de vivenciar experiências no mundo letrado e a literatura infantil tem muito a contribuir nesse sentido. É nesse contexto que os termos “alfabetização” e “letramento” encontram espaço de discussão no ambiente escolar.

Em relação à alfabetização, Soares (2010, p. 15) a define como o “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”, já no sentido de letramento, Soares (2004, p. 14) afirma que este diz respeito ao “desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita”. Portanto, a alfabetização e o letramento são processos distintos um do outro, porém complementam-se (SOARES, 2006).

Em relação às condições de letramento, Soares (2006) apresenta três definições de indivíduos que podem ser: 1) adultos analfabetos e letrados; 2) crianças ainda não alfabetizadas e letradas e 3) pessoas alfabetizadas e não letradas.

Segundo Soares (1999) um adulto que não sabe ler e nem escrever pode usar a escrita por meio de outra pessoa, pedindo para que alguém escreva algo ditado por ele ou para que leia um jornal, uma notícia para que ele tome conhecimento do mesmo. Dessa forma, ele estará usando, também, a língua escrita. “É analfabeto, mas, é de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita” (p. 24).

Ao considerar a questão das crianças não alfabetizadas e letradas, Soares (1999, p. 24) descreve que uma criança que se relaciona com um meio onde escute histórias, tenha contato com livros ou mesmo com pessoas que possuam hábitos de leitura escrita, pode vir a ser uma criança letrada sem ser alfabetizada.

A autora também pontua que é possível ser um sujeito alfabetizado e não ser letrado, ou seja, ele sabe ler e escrever, mas não pratica a leitura e a escrita. Não está apto a interpretar um texto, nem sequer faz algum tipo de leitura e possui dificuldades para escrever (SOARES, 1999).

Desde o seu nascimento, a criança vem tendo contato com o mundo letrado em situações práticas no cotidiano, como quando sua mãe a leva ao mercado e nos corredores têm rótulos, quando esta observa os *outdoors* na rua, no momento em que ouve uma história antes de dormir ou até mesmo quando folheia seus livros. Para Ferreira e Teberosky (1999, p. 29):

é bem difícil imaginar que uma criança de 4 ou 5 anos, que cresce num ambiente urbano no qual vai reencontrar textos escritos em qualquer lugar não faça nenhuma ideia a respeito da natureza desse objeto cultural até ter 6 anos e uma professora à sua frente.

Logo, Ferreira e Teberosky (1999) constatam que, ao ingressar na Educação Infantil, a criança já tem uma leitura de mundo construída por meio de seu meio social. Nessa perspectiva, Freire (1989) assegura que o professor também precisa respeitar e considerar a “bagagem” cultural que o aluno traz, independentemente de sua classe social. Essa “bagagem” pode ser utilizada como troca de experiências e contribuir para a construção de novos conhecimentos.

Um conceito apontado por Freire (1989, p. 13) é o de leitura de mundo, sendo que:

a leitura do mundo antecede da leitura da palavra. Isso quer dizer que, antes mesmo do indivíduo ser alfabetizado e saber decodificar palavras grafadas em livros, ele já é capaz de ler a vida, ou seja, implicitamente ele já sabe ler. Ler o mundo é ler os signos, os objetos, as coisas, etc. É o que acontece quando uma criança não alfabetizada vê muita fumaça saindo da janela de uma casa e associa o fato a um incêndio. Mesmo sem saber ler, ela entende que o signo fumaça significa fogo.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998b, p. 121), com a possibilidade de expressão das crianças em diversas situações cotidianas como “contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa”.

Nesse sentido, todas as oportunidades de se expressar são bem-vindas à criança, pois possibilita que ela desenvolva sua capacidade cognitiva e comunicativa ao lembrar-se dos detalhes do que irá relatar. Na próxima seção, será abordada a relação da escola e do trabalho pedagógico com a literatura infantil.

1.1 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Com o objetivo de apresentar os aspectos relacionados à contação de histórias como ferramenta na prática pedagógica na Educação Infantil, nesta seção serão abordados os seguintes temas: a origem da contação de histórias, o desenvolvimento infantil e os benefícios da contação de histórias para as crianças.

A contação de histórias é uma das formas mais antigas de interação humana. Um dos primeiros contatos é quando criança, habitualmente por meio da própria família,

que passa por meio dos pais e avós, que contam contos de fadas, experiências de suas vidas ou histórias. Segundo Moraes (2012, p. 14):

desde os tempos mais longínquos o ser humano conta as suas histórias: caçadas, conquistas, encontros, desencontros, lendas, fábulas, causos, anedotas.... Enfim, muita coisa boa vem sendo narrada a cada dia, há milênios, nos mais diversos recantos da Terra, em inúmeras línguas, e dialetos, por pessoas de culturas distintas, cada uma expressando uma visão de mundo própria e singular que torna a produção do texto verbalizado um evento único e original.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998a), as crianças constroem o conhecimento por meio das interações sociais que estabelecem com outras pessoas e o meio. Nesse sentido “o conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação” (p. 21).

Miguez (2000, p. 28) aponta que a escola tem grande papel na formação de leitura dos alunos, pois, em boa parte das vezes, esta é a única que proporciona o contato da criança com o livro “sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer”.

A importância do professor no desenvolvimento de atividades que envolvam a leitura e a escrita está relacionada à construção de experiências da criança com o mundo letrado, como aponta o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998b):

A leitura pelo professor de textos escritos, em voz alta, em situações que permitem a atenção e a escuta das crianças, seja na sala, no parque debaixo de uma árvore, antes de dormir, numa atividade específica para tal fim etc., fornece às crianças um repertório rico em oralidade e em sua relação com a escrita (p. 135).

O professor tem um papel importante na mediação entre a história e a criança, pois não se trata apenas de repassar o conteúdo do livro literário, mas sim, segundo Beltrame, Cavalheiro e Sbeghen (2015, p. 19323):

é um ato de entrega, em que o contador se doa para o ouvinte, fazendo da sua voz e gestos, principalmente, um convite para uma viagem no mundo da fantasia. Por esse motivo o contador deve estar munido de conhecimento, criatividade, fantasia e técnicas, para tornar o seu espetáculo significativo.

A literatura é uma fonte de encantamento e tende a gerar bons resultados quando muito bem estimulados. Para Mellon (2006 p.241) as crianças estimuladas

pelas histórias que ouvem dos mais velhos geralmente criam histórias maravilhosas e profundas desde muito pequenas.

Beltrame, Cavalheiro e Sbeghen (2015, p. 19325) utilizam o termo contador/educador para referir-se ao professor em sala de aula que trabalha com contação de histórias. As autoras pontuam que:

É ao transcendermos o nosso próprio ser enquanto educadoras e contadoras de histórias, que compreendemos o quanto nos doamos ao ouvinte/criança através de nossa fala, gestos e emoções que deixamos pairar no ar juntamente com a magia e a ludicidade que convidam a criança a adentrar no mundo da fantasia, onde ela estará protegida e a salva de todos os males e seus medos.

Contar histórias também é utilizado como uma forma de se passar ensinamentos apreendidos transmitindo algo de forma mais direta a outra pessoa, que por muitas vezes pode ultrapassar gerações, Coelho (2008, p. 12) afirma que:

há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem - se ficarem quietos, conto uma história, se isso", "se aquilo..." - quando o inverso que funciona. A história aquieta serena, prende a atenção, informa, socializa, educa.

Porém, para que exista incentivo desses processos no contexto escolar, faz-se necessário o desenvolvimento de políticas públicas educacionais. Nesse sentido, com o intuito de melhorar as políticas públicas sobre o incentivo à leitura no sistema educacional brasileiro, o governo federal criou o Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL – instituído pela Portaria Interministerial nº 1.442, em 10 de agosto (BRASIL, 2006). O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) apresenta quatro objetivos:

I - a democratização do acesso ao livro; II - a formação de mediadores para o incentivo à leitura; III - a valorização institucional da leitura e o incremento de seu valor simbólico; e IV - o desenvolvimento da economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao desenvolvimento da economia nacional.

Para alcançar esses objetivos foram criados no PNLL (BRASIL, 2006), 4 Eixos são eles: EIXO 1 - Democratização do acesso; EIXO 2 - Fomento à leitura e à formação de mediadores; EIXO 3 - Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico e EIXO 4 - Desenvolvimento da economia do livro.

Relacionado à Educação Infantil encontra-se o eixo 2, que traz fomento à leitura e à formação de mediadores, incentiva as escolas a promoverem rodas da leitura, clubes de leitura de histórias, performances poéticas, rodas literárias e murais, que são atividades que podem ser promovidas na Educação Infantil, mas também integrando a escola como o todo (BRASIL, 2006).

Como o ato de ler tem uma representatividade bastante significativa para a criança, esta deve ser incentivada desde os anos iniciais de sua vida. Para garantir esse incentivo, o poder público criou a Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018, que institui política pública da leitura e escrita, que traz em seu Art. 1º: “Fica instituída a Política Nacional de Leitura e Escrita como estratégia permanente para promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil” (BRASIL, 2018).

Para o desenvolvimento da criança ocorrer de forma que assegure todas as formas de aprendizagem, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2010) apresentam dois pontos relevantes às atividades desenvolvidas em sala de aula. Essas atividades precisam ser elaboradas de forma que 1) “Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos” (p. 25) e 2) “Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura” (p. 25).

Na Educação Infantil, a contação de histórias é uma das ferramentas que podem ser utilizadas em sala de aula, pois as crianças, em sua maioria, gostam de ouvir histórias e assim, essa atividade estimula a competência da oralidade. Porém, para que o professor considere a contação de história como parte de seu planejamento, precisa conhecer os elementos que envolvem este ato.

Para que o professor possa contribuir no processo de letramento da criança e no desenvolvimento da oralidade por meio da contação de histórias, faz-se necessário que este profissional conheça os aspectos do desenvolvimento infantil.

Segundo Piaget (1999) a criança passa primeiro pela fase I: O recém-nascido e o lactente, este período vai do zero aos dois anos de idade, em seguida ela passa pela fase II: Primeira infância, de dois a sete anos e pela fase III: A infância dos sete aos doze anos e por fim pela fase IV: Adolescência. Porém, como o foco desta pesquisa é a Educação Infantil, serão apresentadas as fases do recém-nascido e o lactente e da primeira infância, sendo descritas a seguir.

De acordo com Piaget (1999), na primeira etapa denominada como o recém-nascido e o lactente que vai de zero a dois anos de idade, é a fase em que o bebê passa por um grande desenvolvimento cognitivo. Esse período é decisivo para o progresso psicológico da criança, pois a criança retrata a conquista por meio do conhecimento, dos movimentos e de tudo que está a sua volta.

Na segunda etapa, nomeada como primeira infância por Piaget (1999), que vai dos dois aos sete anos de idade, ocorre o surgimento da linguagem e os comportamentos

afetivos e intelectuais se transformam. Com a aquisição da linguagem, a criança consegue reorganizar suas ações passadas e prever suas ações futuras. A partir dessa fase, surge o início da socialização e do pensamento em si. Nesse período, a criança responderá e pensará, de forma inconsciente, com egocentrismo.

Portanto, a teoria de Piaget é importante para que os adultos entendam seu papel na aquisição da linguagem da criança e dos aspectos de seu desenvolvimento.

Além disso, contar histórias também traz muitos benefícios para as crianças. Segundo Souza e Bernardino (2011, p. 238) ao escutar histórias, as crianças são beneficiadas no desenvolvimento de diversos aspectos como:

Habilidades meta cognitivas, consciência metalinguística e desenvolvimento de comportamentos alfabetizados e meta-alfabetizados, competências referentes ao saber explicar, descrever, atribuir nomes e utilizar verbos cognitivos (penso, acho, imagino, etc.), habilidades de reconhecimento de letras, relação entre fonema e grafema, construção textual, conhecimentos sintáticos, semânticos e ampliação do léxico.

Portanto, por meio da contação de histórias a criança pode ser levada a descobrir e refletir sobre o que está ouvindo, estimulando seu intelecto. Para Coelho (2008, p. 59), “a história não acaba quando chega ao fim, ela permanece na mente da criança, que a incorpora como um alimento de sua imaginação criadora”.

Em cada brincadeira do faz-de-conta a criança estabelece um novo conceito de imaginação e, dessa forma, a criança vai se aperfeiçoando e desenvolvendo um repertório maior de imaginações. Nesse sentido, Santos (2009, p. 165) pontua que:

Ao montar suas brincadeiras de faz-de-conta, ainda que a criança retire os elementos de sua elaboração das suas experiências de vida, do contexto sócio-histórico-cultural em que está inserida, essa formulação traz elementos novos, que não estavam postos nas experiências passadas.

As crianças em especial gostam de ouvir histórias, pois é a fase da vida em que a imaginação está aguçada, segundo Ferreira (2010, p. 9) “toda criança gosta de ouvir histórias. Ela associa a realidade à fantasia e geralmente se identifica com algum personagem”.

Dessa forma, a criança pode ampliar seu conhecimento sobre o mundo em que vive. Segundo Beltrame, Cavalheiro e Sbeghen (2015, p. 19322):

A contação de histórias permite ao sujeito o seu desenvolvimento intelectual, psicológico e emocional, além de estruturar o imaginário das crianças na medida em que traz consigo uma constante relação entre fantasia e realidade, onde uma reflete na outra, servindo a fantasia muitas vezes de base para a criança compreender as situações cotidianas.

Faz-se necessário atentar cada vez que a criança entra em contato com uma história, ela desenvolve a capacidade de imaginar, criar, reinventar, explorar e fazer comparações em um mundo no qual é somente dela, buscando explorar novas formas de compreensões as quais são necessárias para o seu desenvolvimento. Para isso, é essencial conhecer os elementos presentes na contação de histórias.

1.1.1 Elementos na Contação de Histórias

Para que a contação de histórias possa ser utilizada de forma efetiva em sala de aula, é preciso considerar alguns elementos como a leitura prévia da história pelo contador, posturas adequadas, o ambiente e o aspecto emocional.

Em relação à preparação para o ato de contação, é preciso que o contador tenha realizado uma leitura prévia da história escolhida que busque recursos para torná-la ainda mais interessante (COELHO, 2008).

Também, faz-se necessário que, além de estudar a história e adaptar seu vocabulário, o contador busque escolher títulos diversos, considerando seu público-alvo e buscando intencionalmente tornar este momento prazeroso.

Durante a contação de histórias, é importante que o contador tenha postura e atitudes adequadas. Existem elementos fundamentais que fazem com que a história se torne mais interessante, como a voz e entonação da mesma, na qual ambas precisam estar de acordo com os acontecimentos da história, pois dessa forma a criança irá compreender com mais facilidade a mensagem a ser transmitida por quem está contando. Segundo Coelho (2008, p. 31):

a simples narrativa é a mais fascinante de todas as formas, a mais antiga, tradicional e autêntica expressão do contador de histórias. Não requer nenhum acessório e se processa por meio da voz do narrador, de sua postura.

Além de toda a preparação que a contação de histórias exige, cabe aqui colocar que o ambiente também faz parte desse processo. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998b, p. 143):

ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida.

Portanto, para se contar histórias não basta só ler para as crianças, mas as histórias precisam ser contadas de uma forma com que todos que estão a volta do contador possam ser envolvidos também. Para isso, o local que a história é contada dispõe de ser um local acolhedor para o ouvinte. Segundo Zabalza (1998, p. 53):

[...] saber organizar um ambiente estimulante e possibilitar às crianças que assistem a essa aula terem inúmeras possibilidades de ação, ampliando, assim, as suas vivências de descobrimento e consolidação de experiências de aprendizagem.

Também, na contação de histórias é preciso pensar no aspecto emocional das crianças. Para Abramovich (1991, p. 17) “é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes. Como tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais”.

Beltrame, Cavalheiro e Sbeghen (2015, p. 19328) defendem que “a contação de histórias se apresenta ainda enquanto um instrumento mediador que auxilia o educador na mediação do conhecimento com as crianças”.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa possui uma grande importância na construção de conhecimentos intelectuais para o desenvolvimento humano. A pesquisa partiu da seguinte problematização: quais são as relações presentes na contação de histórias na Educação Infantil?

Em relação à abordagem do problema, a presente pesquisa é de abordagem qualitativa (GIL, 2007), quanto aos objetivos, tem caráter exploratório (GIL, 2007). Para a realização desta pesquisa foram utilizados os procedimentos técnicos de pesquisa bibliográfica e documental. Para a coleta de dados, foi utilizado como instrumento o questionário estruturado.

Como população deste estudo de campo, definiu-se 12 professoras de Educação Infantil em 3 escolas do setor privado de Curitiba – PR a partir do seguinte critério de eleição: que atuassem em Educação Infantil no ano vigente da pesquisa.

Todas os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os nomes das participantes foram substituídos por outra nomenclatura (P1 a P12) a fim de preservar a identidade das mesmas.

As informações coletadas foram apresentadas na seção de “Análise de dados” em que as respostas obtidas por meio de um questionário composto por quinze (15) perguntas divididas em três (3) temas: 1) Identificação; 2) Formação Profissional e 3) Elementos na contação de histórias.

3 ANÁLISE DE DADOS

O objetivo da análise de dados foi evidenciar os conceitos presentes sobre a contação de histórias na perspectiva dos professores que atuam na Educação Infantil.

De acordo com as informações obtidas nos questionários, o Quadro 1 foi organizado para apresentar informações sobre as pesquisadas.

QUADRO 1 – IDENTIFICAÇÃO DAS PESQUISADAS

| DOCENTE | FORMAÇÃO | IDADE | TEMPO DE ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL |
|---------|---|---------------|---------------------------------------|
| P1 | Magistério - Pedagogia e Artes Visuais Pós: Educação Infantil Docência e Gestão Psicopedagogia Clínica | 38 anos | 21 anos |
| P2 | Magistério - Pedagogia - Pós: Neuropsicopedagogia. | 23 anos | 5 anos |
| P3 | Magistério - Pedagogia – Pós em Psicopedagogia. | 42 anos | 23 anos |
| P4 | Pedagogia | 25 anos | 3 anos |
| P5 | Graduação em Administração e Pedagogia (cursando) | 29 anos | 1 ano e meio |
| P6 | Magistério - Graduação em Pedagogia | 23 anos | 8 anos |
| P7 | Pedagogia | 24 anos | 6 anos |
| P8 | Pedagogia – (Cursando) Neuroaprendizagem | 38 anos | 6 anos |
| P9 | Pedagogia – Educação Infantil e Séries Iniciais/ Psicomotricidade e Desenvolvimento Humano (Cursando) | 38 anos | 23 anos |
| P10 | Pedagogia | 27 anos | 2 anos |
| P11 | Magistério, Graduação - Pedagogia - Educação Infantil - Séries Iniciais, Especialização em Psicopedagogia, Educação Infantil e Ensino Religioso | 50 anos | 24 anos |
| P12 | Magistério, Graduação – Letras, MBA – Organizações Educacionais, Psicopedagogia (cursando) | Não informado | 32 anos |

FONTE: P1; P2; P3; P4; P5; P6; P7; P8; P9; P10; P11; P12; (2019).

Em conformidade com o quadro de identificação das pesquisadas (QUADRO 1) foi possível verificar que a idade variou de 23 a 50 anos, sendo que há predominância do sexo feminino.

No que diz respeito ao tempo de experiência na área educacional observou-se que se apresenta no intervalo de um (1) ano a trinta e dois (32) anos. Em relação à formação acadêmica, todas possuem graduação em Pedagogia, sendo que seis (6) possuem formação em Magistério (P1, P2, P3, P6, P11 e P12). Em relação à pós-graduação das pesquisadas somente duas (2) não possuem (P4 e P10).

Na análise a respeito da categoria intitulada como “Formação Profissional” visou-se ter um panorama da formação dos docentes em relação à contação de histórias.

Foi questionado às profissionais pesquisadas se na graduação tiveram algum tipo de formação relacionado à contação de histórias. Os dados apontam que 75% tiveram algum tipo de contato na graduação e 25% não tiveram nenhuma formação relacionada à contação de histórias.

Em relação aos 25%, P12 relata que *“durante a minha graduação, infelizmente não tive nenhuma orientação”*. Nesse sentido, verificou-se que a contação de histórias precisa conquistar mais espaço na formação profissional do professor nas universidades.

Na coleta de dados também foi perguntado aos docentes como deveria ser a formação voltada para a contação de histórias. P7, P11 e P12 sugeriram algumas ações:

P7 – Acredito que poderiam ser ofertados cursos que ajudem o professor a compreender a necessidade de contar uma história e de permitir que seus alunos contem também. Palestras, oficinas e dinâmicas de grupo seriam muito funcionais também.

P11 - Alinhada aprofundada na teoria, prática onde o educador perceba e entenda que a contação proporciona e contribui no ensino-aprendizagem em todos os aspectos: a socialização, a comunicação, a criatividade e até mesmo a disciplina por meio do comprometimento e responsabilidade.

P12 – A formação deveria proporcionar diferentes maneiras de se contar histórias, apresentar uma diversidade de títulos ligados a alguns temas que podem servir como disparadores e materiais alternativos (fantoche, objetos, caixas interativas, bichos de diferentes materiais).

Logo, a formação dos professores pode ser realizada por meio de cursos e oficinas práticas, pois, a contação de histórias possui diversas formas de como acontecer e deveria ser mais investida a formação dos profissionais devido aos benefícios que pode trazer às crianças.

Kramer (2002) afirma que “os profissionais [...] que atuam com crianças precisam assumir a reflexão sobre a prática, o estudo crítico das teorias que ajudam a compreender as práticas[...]”. (p. 129). Portanto, nessa perspectiva a formação se torna muito relevante para que o professor esteja preparado para contar histórias para os alunos da Educação Infantil, pois é nessas formações em que o profissional aprende a utilizar os mais diversos materiais para auxiliar na contação, instigando cada vez mais o ouvinte das histórias.

No quesito “preparo”, foi indagado aos docentes se eles se sentiam preparados para contar histórias na Educação Infantil. Verificou-se que 67% sentiam-se preparados e 33% não se demonstram tão confiantes no exercício da contação de histórias.

Pode-se perceber que mais da metade das profissionais sentem-se preparadas para contar histórias. Portanto, é dever do professor, também, estar apto a contação de histórias, ou seja, conhecer a história que irá ler. Abramovich (1991, p. 18) coloca que “seja qual for – para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito”, logo, existe responsabilidade a ser exercida no ato da contação.

Na categoria de análise intitulada como “Elementos na contação de histórias”, foram realizadas perguntas sobre a opinião dos docentes a respeito de recursos e técnicas que utilizavam na contação de histórias, assim como os benefícios que a contação pode proporcionar às crianças.

Foi questionado às pesquisadas “como ocorre a contação de histórias em suas aulas” e o resultado foi que 41% respondeu que a contação de histórias ocorre de forma contextualizada com o conteúdo em sala, 17% disseram que em forma de roda de conversa e 42% não especificaram como seria esse momento.

Mediante a isso, percebeu-se que nas respostas das pesquisadas, a contação de histórias é bastante utilizada como forma de contextualização de conteúdos e abertura para roda de conversa em sala de aula, como afirma P8 e P12 (2019):

P8 – A contação de histórias acontece diariamente, pode ser para iniciar um eixo temático como elemento propulsor, para acalmar o corpo e ampliar o tempo de concentração inserindo a criança ao mundo letrado. Início da aula, meio da aula e fim de aula. Depende do planejamento do dia.

P12 – A contação de histórias é frequente, cerca de 2 vezes na semana. Ocorre nas ocasiões diversas: Início de um conteúdo (tema disparador), quando as crianças trazem livro e pedem para contarmos, em momentos de descontração.

A contação de histórias em sala de aula pode ocorrer de várias formas, cabe aos professores escolher o momento, lugar e tema que sejam atrativos para as crianças, assim podendo usufruir o melhor possível do momento.

De acordo com Souza e Bernardino (2011) toda a contação de histórias pode estar vinculada à danças, jogos, músicas e brincadeiras no processo de ensino - aprendizagem, dessa forma haverá desenvolvimento de responsabilidades e autoexpressão, fazendo com que a criança se sinta estimulada e possa desenvolver-se, elaborando o seu conhecimento e leitura de mundo.

Em relação ao acesso dos alunos aos livros em sala de aula, foi questionado se “os livros disponíveis para os alunos estavam dispostos de acordo com o interesse de cada faixa etária”. Obtivemos apenas uma resposta negativa (P5).

É muito importante que os livros estejam separados por faixa etária, pois é necessário que a história esteja sendo compreensível para a realidade da criança. Porém, não se pode deixar de valorizar o gosto da criança, pois nem todas irão interessar-se pelo mesmo tipo de histórias, como é possível ver na fala da P7 (2019):

Porém em um contexto geral todas as crianças têm muita liberdade no momento de escolha, pois um livro pode levar ela além independente do interesse de faixa etária.

O contador de histórias também precisa adaptar a história de acordo com a faixa etária dos alunos, pensando em um vocabulário adequado. Segundo os autores Souza e Bernardino (2011, p. 238):

[...] com o cuidado de que a estrutura da narração deve ser previsível para a criança, de fácil linguagem, com imagens e possibilidade de explorá-las posteriormente de forma lúdica, às narrativas possibilitarão à crianças um melhor desenvolvimento da capacidade de produção e compreensão textual.

Os momentos da contação de histórias são oportunidades em que o professor pode utilizar de várias estratégias pedagógicas, cabe a ele utilizar da melhor forma, de modo com que os alunos sejam estimulados a enxergarem as histórias de diversas perspectivas.

Outro questionamento diz respeito aos aspectos utilizados pelas profissionais da educação no ato de contar histórias. O resultado foi que 39% usam a mudança na entonação de voz, 23% fazem leitura prévia da história, 19% usam encenação e 19% usam outros recursos que são:

P1 - Produzir na prática elementos que ajudem o educando a fazer o recontam.

P4 - Objetos disponíveis no local (peças de Lego, por exemplo).

P7 - Organização do ambiente, aromas e materiais diferenciados.

P8 - Preparação do ambiente.

P12 – Criar finais das histórias com as crianças.

Segundo Abramovich (1991, p. 21) é importante que “[...] quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encanto. Que saiba dar as pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário...”. Para tornar a contação de histórias mais interessante, o contador pode utilizar recursos visuais como fantoches, cenários, tapetes de história, acessórios, objetos, entre outros. Todos esses recursos fazem com que a criança exercite sua imaginação.

O desenvolvimento infantil da criança, principalmente nos anos iniciais escolares, tem grande importância na construção da formação dos alunos. Em relação ao desenvolvimento infantil foi indagado às profissionais quais os benefícios que a contação de histórias pode contribuir ao desenvolvimento infantil das crianças. Segundo as profissionais P5, P6, P7, P9 e P12, o ato de contar histórias pode contribuir nos seguintes itens:

P5 - Estimula a atenção, o saber ouvir, a criatividade e a imaginação. Leva a reflexões e ao interesse pelas histórias, livros e leituras.

P6 - Linguagens, socialização, oralidade, interpretação, imaginação.

P7 - Possibilitando o desenvolvimento de suas habilidades, percepções, linguagem oral e futuramente a escrita construindo pontes para construção de valores de cada criança e de suas socializações com o grupo.

P9 - Em vários aspectos, desenvolvimento da oralidade, concentração, imaginação, interação social, lidar com sentimentos.

P12 - No desenvolvimento infantil, incentiva à criatividade, desenvolve a oralidade, estimula a serem futuros leitores, além de ser algo ou momento de diversão e prazer.

Em relação ao desenvolvimento infantil, Abramovich (1991, p. 23) afirma que: “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)”.

A contação de histórias precisa fazer parte da prática pedagógica na Educação Infantil, pois, segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998b, p. 143) “é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar [...]. A partir daí ela pode estabelecer relações com o modo de ser do grupo social ao qual pertence”. Ou seja, escutar e ouvir as mais diversas histórias ou contos desperta o pensar em diversas formas nas crianças, e isso merece ser incentivado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os dados de leitura no Brasil, pode-se afirmar que a realidade é preocupante quando se trata do analfabetismo da população. Nesse contexto, a escola precisa afirmar a importância do processo de letramento desde a Educação Infantil.

Ao considerar a contação de histórias na Educação Infantil como ferramenta pedagógica, pode-se criar grandes possibilidades em sala de aula, além de promover às crianças diversos benefícios voltados ao desenvolvimento como estimular a imaginação, criação e aumento do seu repertório.

Essa pesquisa teve a seguinte problematização: Como a contação de histórias pode contribuir para o desenvolvimento infantil na perspectiva dos educadores?

Por meio da pesquisa realizada pode-se concluir que com o ato da contação de histórias, a criança consegue fazer relações com a história que lhe é apresentada e o meio em que está inserida. Além disso, o ato de contar histórias beneficia o desenvolvimento, o aspecto relacional e emocional da criança.

Evidenciou-se a necessidade de que a contação de histórias na Educação Infantil tenha uma nova aplicação no planejamento do professor, devido a sua importância no desenvolvimento infantil.

O objetivo geral dessa pesquisa foi identificar os elementos presentes na contação de histórias como ferramenta na prática pedagógica exercida na Educação Infantil. É de grande importância destacar que a contação de histórias para os professores, exige preparo de determinados elementos como a leitura prévia, postura, ambiente e recursos para que esse ato possa promover à criança o envolvimento maior com a história contada.

Portanto, a contação de histórias é uma ferramenta pedagógica muito significativa no crescimento da criança, pois ela permite que a criança possa adquirir habilidades essenciais para sua jornada de vida de acordo com o meio social em que está inserida, permitindo-se utilizar e aguçar os mais vários aspectos de sua imaginação.

Logo, faz-se necessário que os professores da Educação Infantil e os estudantes de Pedagogia reflitam sobre o uso dessa ferramenta pedagógica como contribuição na prática docente.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1991.

BRASIL. **Desempenho em leitura no Pisa ficou 80 pontos abaixo da média**. 2016. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=42761>>. Acesso em: 12 maio 2019.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 06 maio 2019.

_____. Lei n. 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 5 maio 2013. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2013/lei-12796-4-abril-2013-775628-publicacaooriginal-139375-pl.html>>. Acesso em: 06 maio 2019.

_____. Lei n. 13.696, de 12 de julho de 2018. Política nacional de leitura e escrita. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 jul. 2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm>. Acesso em: 19 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: UnB, 2010.

BRASIL. Portaria Interministerial n. 1.442, de 10 de agosto de 2006. **Diário Oficial da União**, n. 154, Seção 1, p. 18/19, 11 ago. 2006. Disponível em: <<https://www.semesp.org.br/legislacao/migrado2046>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: introdução – formação pessoal e social**. Brasília: MEC\SEF, 1998a. v. 1.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: conhecimento de mundo**. Brasília: MEC\SEF, 1998b. v. 3.

BELTRAME, L; CAVALHEIRO, J; SBEGHEN, M. **Contaçãõ de histórias: caminho de descobertas e compreensão do mundo**. Chapecó: Argos, 2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19638_9660.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2019.

COELHO, B. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2008.

FERREIRA, A. **Contar histórias com arte e ensinar brincando: para a educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental**. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, 1989.

GIL, Antônio Carlos. [1946]. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

INDICADOR DE ALFABETISMO FUNCIONAL (INAF). **Resultados preliminares**. São Paulo: Évora, 2018. Disponível em: <http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf>. Acesso em: 12 maio 2019.

KRAMER, S. **Com a pré-escola nas mãos**: uma alternativa curricular para a educação infantil. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MELLON, N. **A Arte de contar histórias**. Tradução: Amanda Orlando e Aulyde Soares Rodrigues Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MIGUEZ, F. **Nas arte-manhas do imaginário infantil**. 14. ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.

MORAES, F. **Contar histórias**: a arte de brincar com as palavras. Petrópolis: Vozes, 2012.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PONCHIROLLI, O. **Capital Humano**: sua importância na Gestão Estratégica do Conhecimento. Curitiba: Juruá, 2015.

SAITO, H. T. I. Literatura infantil e educação infantil: limites e possibilidades no trabalho pedagógico. In: CHAVES, M (Org.). **Práticas pedagógicas e literatura infantil**. Maringá: Eduem, 2011. p. 85-95.

SANTOS, I. A imaginação e o desenvolvimento infantil. **EduFoco**, São Paulo, v. 5, n. 9, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.uuff.br/revistaedufoco/files/2009/11/Artigo-09-13.2.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. São Paulo: Autêntica, 1999.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 5, n. 25, p. 23-32, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

SOUZA, L.; BERNARDINO, A. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643/4891>> Acesso em: 21 abr. 2019.

ZABALZA, M. A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.